



“DE ONDE VOCÊ VEIO, ODÉ? AFROCENTRICIDADE, ANCESTRALIDADE E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA EJA

Joelma Souza Santos¹; Evellyn Sena Damasceno²; Taislane Ferreira de Sousa; Maria Izabel Lopes de Araujo⁴

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia,
el.ma.js11@gmail.com;

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia,
senaevellyn38@gmail.com;

³ Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia,
Taislaneferreira007@gmail.com.br;

⁴ Doutora em Ciências da Educação e Especialista em Educação Matemática.
MLARAUJO@UNEB.BR.

EIXO TEMÁTICO 3: CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSOR NA EJA

RESUMO

Este trabalho apresenta uma experiência pedagógica realizada na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no âmbito do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos (PpAlfa Freire/UNEB), voltada para o fortalecimento da identidade, autoestima e pertencimento de educandos historicamente marginalizados pelo racismo estrutural. A atividade envolveu a exibição do filme *Imagina uma Menina com a Cor dos Cabelos do Brasil* e a contação da história *De Onde Você Veio, Odé?*, de Nini Kemba Nayó, com participação ativa dos alunos por meio de cantos e instrumentos musicais. A experiência evidenciou como práticas educativas inspiradas na ancestralidade africana promovem a valorização da cultura afrodescendente, o reconhecimento da própria trajetória de vida e a construção de saberes emancipatórios, reforçando a importância de uma educação antirracista, inclusiva e sensível às experiências dos sujeitos da EJA.

INTRODUÇÃO

Falar sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é revisitar histórias de vida marcadas por trajetórias interrompidas e sonhos adiados. A maioria de seus educandos é composta por pessoas negras e periféricas, sobreviventes de uma cultura escravista que, ao longo dos séculos, os marginalizou e lhes negou o direito à educação regular. São sujeitos que, mesmo diante da exclusão e das desigualdades estruturais, resistem e buscam na escola um espaço de recomeço, reconhecimento e dignidade. Não há como desassociar o racismo da exclusão educacional, pois as marcas do passado colonial ainda ecoam nas práticas e nas oportunidades negadas a essa população (Munanga, 2019).

Neste contexto, surge a necessidade de uma educação que não apenas repare danos históricos, mas que seja, sobretudo, emancipatória, conforme defende Paulo Freire,



quando aponta que a educação deve libertar e conscientizar o sujeito, tornando-o protagonista de sua própria história. Assim, práticas pedagógicas afrocentradas, como a contação de histórias e o uso de obras literárias e audiovisuais, possibilitam a valorização da ancestralidade, a reconstrução da autoestima e o fortalecimento da identidade dos educandos da EJA.

Partindo dessa compreensão, este trabalho propõe refletir como metodologias inspiradas na ancestralidade africana podem promover o sentimento de pertencimento e valorização identitária na EJA, especialmente a partir da experiência com a coletânea do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos da UNEB PpAlfa Freire, na disciplina de História. A vivência relatada nasceu do uso da literatura “De Onde Você Veio, Odé”, de Nini Kemba Nayó, e do filme “Imagina uma Menina com a Cor dos Cabelos do Brasil”, ambos como instrumentos de mediação pedagógica voltados à construção de uma educação antirracista, sensível e humanizadora.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA FORMATIVA

A experiência relatada ocorreu no Colégio Estadual Roberto Santos, durante as aulas de História no âmbito do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos (PpAlfa Freire/UNEB), uma iniciativa da Universidade do Estado da Bahia em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX/UNEB). O programa tem como propósito fortalecer a formação de educadores e promover práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem os saberes construídos pelos sujeitos da EJA, em uma perspectiva crítica, dialógica. O ponto de partida foi a exibição do filme “Imagina uma Menina com a Cor dos Cabelos do Brasil”, que aborda a representatividade e a importância do reconhecimento da beleza e identidade negra. Após a exibição, promoveu-se uma roda de conversa, na qual os educandos compartilharam suas experiências com o racismo e refletiram sobre os estereótipos que enfrentaram ao longo da vida.

Em seguida, foi realizada a contação da história “De Onde Você Veio, Odé?”. A narrativa apresenta Odé, um menino nascido em Angola que morou em Guiné-Bissau e Moçambique antes de chegar a Salvador, na Bahia. A obra exalta a ancestralidade e o pertencimento, ressaltando que todo corpo é sagrado e que a identidade negra é motivo de orgulho e beleza. Durante a contação, foram distribuídos instrumentos musicais simples, como chocalhos de arroz e pequenos tambores, convidando os educandos a participar ativamente. A cada vez que as personagens da história perguntavam “De onde você veio, Odé?”, o grupo respondia cantando em coro:

“Eu vim do balanço do mar lá de Angola,
Eu vim do balanço do mar lá da Guiné,
Eu vim do balanço de lá de Moçambique,
Só quem veio sabe como é.”

O envolvimento foi imediato. Cada educando se identificava com aspectos da história: os cabelos, a cor da pele, o olhar, o sorriso. Muitos relataram como cresceram sem se reconhecer nos livros, nas telas e nas histórias contadas na escola. Essa vivência despertou reflexões profundas sobre identidade, autoestima e pertencimento. A partir das falas, discutimos o impacto do racismo estrutural e a forma como ele ainda se manifesta nos espaços escolares e sociais. Conversamos sobre como, historicamente, a população negra



foi criminalizada, empurrada para as periferias e privada de direitos fundamentais, como moradia, saúde e educação. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), a Bahia lidera os índices de mortes de jovens negros em ações policiais, evidenciando que a violência do Estado ainda recai sobre os mesmos corpos historicamente marginalizados.

Esses educandos são pais e mães que após longas jornadas de trabalho precarizado, ocupam a sala de aula com inteireza e desejo de aprender. São sujeitos de saberes múltiplos que, como lembra Freire (1987), não devem ser vistos como “vasilhas a serem preenchidas”, mas como portadores de conhecimento e cultura. Reconhecer isso é um ato político e pedagógico de resistência. As discussões geradas pela contação de histórias e pelo filme evidenciaram o poder transformador da educação quando ela se orienta pelos princípios da ancestralidade e da afrocentricidade. A representatividade proporcionada pela história de Odé e pela menina dos cabelos do Brasil permitiu que os educandos se vissem como protagonistas, rompendo com séculos de silenciamento e inferiorização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivida reafirmou a importância de práticas pedagógicas afrocentradas e antirracistas no contexto da EJA. Para nós, educadores, compreender o papel histórico e social desses sujeitos é essencial para construir uma educação verdadeiramente libertadora. As histórias de vida que chegam à sala de aula são repletas de sabedoria, resistência e potência — e é nosso dever valorizá-las. Mais do que ensinar conteúdos, buscamos compartilhar experiências, construir sentidos e promover o reconhecimento do valor de cada trajetória. Como nos lembra Freire (1996), ensinar exige respeito aos saberes dos educandos e compromisso com a transformação social. Assim, seguimos acreditando que a EJA é um território de reexistência, onde o ato de aprender é também um ato de cura, de afirmação e de amor.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Afrocentricidade; Ancestralidade. Educação Antirracista. Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023**. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br>. Acesso em: 31 out. 2025.

IMAGINA uma menina com a cor dos cabelos do Brasil. Direção: Fernanda Eugênio. Produção: ONU Mulheres; **Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasil, 2017. (Filme).**



MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NAYÓ, Nini Kemba. **De onde você veio, Odé?** Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB). **Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos** – PpAlfa Freire. Salvador: UNEB/PROEX, 2024.